

5

ESEG investigação

Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

n.º5 | 1.º semestre | 2008

*Edição especial 20 anos
Volume II*

ESEG

INVESTIGAÇÃO

Revista Científica
da
Escola Superior de Educação da Guarda

N.º 5 | 1º Semestre | 2008

Título: ESEG Investigação

Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

Edição Especial, Volume II

Coordenação Editorial: Joaquim Manuel Fernandes Brigas

Coordenador Científico: Júlio Pinheiro

Comissão Científica: Professores Coordenadores e Doutores da ESEG

Edição: Escola Superior de Educação da Guarda

Capa: Humberto Pinto

Coordenação Gráfica: Maria de Fátima Bartolomeu da Cruz Gonçalves

Colaboração: Jandira Medina

Tipografia: Marques & Pereira (Guarda)

Depósito Legal: 220917/04

ISSN: 1646-1193

Tiragem: 2000 exemplares

1ª Edição: 1º Semestre | 2008

Escola Superior de Educação da Guarda

Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, nº 50 • 6300-559 Guarda • Telefone: 271 220 135 • Fax: 271 222 325 • www.eseg.pg.pt

Os artigos são da responsabilidade dos respectivos autores e são apresentados exactamente como foram entregues na redacção.

Reservados todos os direitos. Esta publicação, não pode ser reproduzida ou transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo, electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem autorização do Editor.

Concentração dos media em Portugal: o caso da imprensa <i>Paulo Faustino</i>	7
Processo de gestão da mudança organizacional <i>Diogo Chouzal do Nascimento</i>	53
¿Aumento de las sanciones o de las probabilidades de aplicación de ley? <i>Arlindo Donário</i>	67
R4DX - Rapid Development of Web Applications in XML <i>José Paulo Leal & Jorge Brax Gonçalves</i>	103
Mousinho de Albuquerque e o aprisionamento do Gungunhana em Chaimite <i>José Luís Lima Garcia</i>	117
A obra do Padre Pedro Aloy (1882). Sua importância na Pedagogia e na História de Educação Física <i>Nuno Serra</i>	133
Os Salmos na música do Padre Bernardo Terreiro <i>Pinharanda Gomes</i>	149
Do Musical - Produtos da agitação criativa em Portugal a partir de meados do século XX <i>Helena & Rosário Santana</i>	159
Sexualidade Infantil e Educação Sexual Pré-Escolar <i>Filomena Velho</i>	201

Os Salmos na música do Padre Bernardo Terreiro*

Pinharanda Gomes

“Cantai hinos a Deus, cantai,
Cantai hinos ao nosso Rei, cantai”

[Salmo 47 (46), 7]

Encontramo-nos em assembleia reunidos nesta igreja paroquial de S. Domingos de Benfica, para acompanharmos a apresentação de um belíssimo álbum de música sagrada – *Salmos Responsoriais Harmonizados em Coro Misto, com acompanhamento a órgão, para todos os Domingos e Festas do Ano (Ciclos litúrgicos A, B e C)*, da autoria do conceituado e conhecido músico, o Padre Bernardo Terreiro do Nascimento, natural de Almeida, no Riba Côa, e sacerdote da Diocese da Guarda, músico, criador e compositor a tempo inteiro.

É natural que muitas das pessoas que felizmente enchem esta Igreja (incluindo os membros do Coro Laudate dirigido pelo Maestro José Vieira, do Trio Surpresa, orientado pelo Professor Cassiano Pereira e o tenor José Gonçalves que irão interpretar ao vivo alguns dos Salmos contidos no álbum em apreço), se questionem como é que, alguém desconhecido nesta Paróquia, e sem que disponha de formação musical, incorra na ousadia de se encarregar da apresentação da obra do Padre Bernardo, quando, por certo, o apresentador bem precisaria de ser ele apresentado.

Sucedeu, porém, ter sido incapaz de persuadir o nosso ilustre músico a escolher pessoa mais qualificada para o acto, uma vez que não pudemos demover o Padre Bernardo da escolha que já fizera, nada mais nos restando do que aceitar,

* Reconstituição ampliada da apresentação realizada no Salão da Igreja Paroquial de S. Domingos de Benfica, de Lisboa, em 13 de Janeiro de 2008.

não o incómodo, mas a honra por ele concedida a este seu amigo, de longa data.

Estão, nesta mesa, à minha esquerda, o Padre Bernardo e, à minha direita, o bom amigo o Doutor Lima Garcia, em representação do Professor Joaquim Manuel Fernandes Brigas (Director da Escola Superior de Educação da Guarda, editor do livro que nos chega ainda quente das rotativas), o Padre Álvaro do Nascimento Terreiro, poeta, irmão e co-autor de obras do Padre Bernardo, e o senhor Padre Fernando Ferreira, Frade Dominicano, responsável por esta Paróquia e membro cantor do Coro Laudate.

A verdadeira apresentação de uma obra musical consiste em fazer música, em ouvir os cânticos e os instrumentos, pelo que uma apresentação por palavras se torna supérflua, de onde a necessidade de ser o mais breve possível nas palavras por forma a dar tempo à fruição da música que será interpretada pelos cantores e instrumentistas aqui presentes, e já prontos para a estreia.

Agradecido ao Padre Bernardo pela honra concedida, confesso ser-me grato interpolar nestas minhas palavras, uma evocação da importante história da música na Diocese da Guarda, nem é este o momento para recuar aos antigos tempos da Escola da Sé Catedral, Escola essa por onde passaram, desde o século XVI até aos tempos do Liberalismo, grandes mestres de Capela, já estudados pelo saber do Padre José Joaquim Pinto Geada, em livros de reconhecida qualidade. No entanto, seria imperdoável que não mencionássemos o nome do Padre Joaquim Dias Parente (fal. 1957) quando se passaram 50 anos sobre a sua morte, mas que foi compositor de letras e de músicas que se tornaram popularíssimas, como os cânticos “Senhora nossa, Senhora minha” e, sobretudo o sublime largo eucarístico e processional, “Santos Anjos e Arcanjos, vinde em nossa companhia”. Lugar também para invocar os nomes de outros músicos, como o Padre A. Mendes Fernandes, o Padre Manuel Geada Pinto e, porque não, embora não possuamos os documentos, o nome do Dr. Alberto Diniz da Fonseca (fal. 1962) que, segundo testemunhos de pessoas que dia a dia com ele conviveram, tanto fazia letras

para músicas já existentes, como inventava músicas para letras novas. Terá sido ele o autor da letra do mais antigo cântico das peregrinações a Fátima, quando ainda era notário em Torres Novas, onde montara uma tipografia e tinha, como importante colaborador, o senhor Gilberto Fernandes Santos, comerciante, que veio também a reivindicar a autoria desse cântico, que se entoava com a música do saltitante “Áve de Lourdes” e que viria a ser como que abandonado quando, em tempo, o bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, solicitou um poema novo – este que ora é mais conhecido, o “A treze de Maio”, composto pelo notável poeta Afonso Lopes Vieira, com melodia próxima da do santuário francês, mas que, mediante um sustenido, ganhou um outro tónus, já não saltitante, mas processional e de carácter afectivo.

Na falta de uma Escola, estes músicos criaram por conta e risco, no lugar dos solitários, uns obtendo maior formação, outros mais vinculados a um criativo autodidactismo. Nesta cadeia dos nossos compositores brilha, e tem brilhado, o Padre Bernardo Terreiro.

Conhecemo-nos há bem meio século, no Fundão. Ele e o seu irmão Álvaro Terreiro, ambos professores do Seminário Menor de N^a S^a de Fátima, quando este vosso orador frequentava o Externato de Santo António. Nestes cinquenta anos foram muitos os sinais de estima e de apreço por ambos concedidos. Disse ambos, mas devo dizer dos três, porque no Padre Álvaro há outra pessoa, pseudónimo ou heterónimo, o poeta Sá Vieira, que exigiu a nossa companhia com o prefácio ao seu livro de poemas “Passaporte Visado” (2003). Devo-lhes ainda a minha primeira peregrinação a Almeida, a pretexto de uma conferência acerca de Frei Bernardo de Brito, O.C., natural desta vila.

Bernardo nasceu em Almeida em 3 de Maio de 1921, sendo uns quatro anos mais velho do que seu irmão Álvaro, morador e colaborador desta paróquia e bem conhecido de todos, uma vez que, tendo saído da Guarda, viria a ser incardinado no Clero do Patriarcado. Seu irmão manteve-se na Diocese de origem, tendo recebido a ordenação presbiteral no tempo do notável bispo D. José Alves

Mattoso (fal. 1952) no dia 24 de Agosto de 1947 (segundo testemunho do próprio), ainda que na edição de 2003 do Anuário Católico de Portugal se registe outra data, 7 de Setembro de 1946.

No verso da capa do álbum consta uma breve biografia do padre Bernardo, o que julgamos essencial quanto aos principais passos da sua vida como professor nos Seminários do Fundão e da Guarda, no Colégio de S. José, na Escola Preparatória e por fim, na Escola Superior de Educação da mesma cidade, do mesmo passo que dirigia o culto musical na Sé Catedral, regendo ainda, como maestro, vários grupos corais como o Orfeão da Covilhã, o Orfeão do Centro Cultural da Guarda e o Coro Etnográfico de Almeida. Em plena actividade, nunca deixou de inventar e de compor música, que se encontra editada em mais de uma dezena de livros, de que nos apraz salientar *Cantando a Vida* (1990) contendo a popular “Balada da Neve” de Augusto Gil musicada, o cancioneiro *Património Musical de Ribã Côa* (1999) obra de pesquisa no terreno, e de recuperação de melodias em risco de esquecimento na memória dos povos, o *Cantando ao Senhor da Vida* (2001) e os *Salmos Harmonizados para Orfeão* (2005), além de outros textos de colaboração com o Padre Álvaro, autor das letras e Bernardo, autor das músicas, como a opereta *Ginástica Cómica* (1959) e *Auto da Virgem* (1959). Tem outros trabalhos em preparação e teve a gentileza de nos oferecer uma colecção inédita de cânticos marianos, em manuscrito, colecção essa que, oportunamente, receando perdê-la, decidi oferecer à biblioteca do Santuário de Fátima, podendo ser consultada no Serviço de Documentação e Informação do Santuário (SESDI).

No Domingo de Ramos de 2005, neste mesmo espaço sagrado, participámos na apresentação de um primeiro álbum, *Salmos Harmonizados para Orfeão*, ao qual tivemos ensejo de apreciar em artigo de jornal, contendo algumas ideias que também, nesta ocasião, consideraremos. Logo, aquando da publicação desse álbum, o Padre Bernardo nos deu a entender que já recebera sugestões para musicar todos os salmos das missas dominicais e festivas, e que iria dedicar-se a essa tarefa, que levou a bom termo, e agora nos é revelada neste álbum, formato

A4, de 453 páginas, valiosamente ilustrado com reproduções de gravuras da pintora Evelina Coelho, as quais muito enriquecem a edição do ponto de vista artístico e plástico.

No interior do álbum consideramos os adereços e o miolo. Nos adereços, se encontram os autorizados escritos do prefácio do bispo D. Manuel Felício, que resulta num *imprimatur* canónico por assim dizer; um Invitatório do Padre José Dionísio da Escola de Música Sacra do Seminário Maior da Guarda; o Propósito do Padre Bernardo, com aditamentos sobre aspectos técnicos e de consulta da obra, e, por fim, um documento de qualidade litúrgica e exegetica, o Posfácio, assinado pelo Padre Álvaro, e que bem poderia ter sido solução preferencial nesta cerimónia e encontro de admiradores e amigos em torno do artista.

O miolo é constituído pelos Salmos Responsoriais próprios do Missal em uso no nosso país, em edição aprovada pela Comissão Episcopal de Liturgia, para todos os Domingos e Festas do Ano, conforme os ciclos litúrgicos identificados com as letras A, B e C. Por sinal que estes Salmos são revelados quase sobre o início do ciclo vigente, o relativo a 2007-2008, que é o ciclo A. Pelo elaborado Índice, que se consulta como útil guia, encontramos os tempos para cada um dos Salmos, que se recitam ou cantam no Advento, no tempo de Natal (em que podemos incluir o Domingo do Baptismo do Senhor), os Domingos da Quaresma incluindo os salmos próprios de Quarta Feira de Cinzas e do Domingo de Ramos, o Tríduo Pascal, o Tempo Pascal (com alternativas em alguns Domingos), o Pentecostes, o Tempo Comum incluindo as festas da Santíssima Trindade, do Corpus Christi e do Sagrado Coração de Jesus, além dos 34 Domingos do costume do tempo Comum, as solenidades e festas do Senhor, de Nossa Senhora, de Todos os Santos e Fiéis Defuntos (três missas) e a solenidade da Imaculada Conceição de Nossa Senhora.

Em Apêndice, dois Hinos a Santo António Co-Padroeiro de Portugal. Quanto à ordem do texto, o refrão do Salmo encontra-se na página esquerda, enquanto a parte do solista vem na página direita.

Mestre Cassiano Pereira trabalhou na obra como copista, bem podendo ter assinado, no fim, nessa qualidade, conforme ao antigo costume de o copista encerrar o texto, de cuja revisão literária se encarregaram, além do autor, a irmã Ofélia e o irmão Álvaro. Trata-se de uma edição da Escola Superior de Educação da Guarda, o produto gráfico, de excelente qualidade, sendo da Tipografia Marques & Pereira da mesma cidade. As Câmaras Municipais de Almeida e da Guarda patrocinaram esta edição.

No Ofício ou Liturgia das Horas, que constitui a oração da Igreja por excelência, os Salmos são por via de regra rezados ou cantados na íntegra, iniciando-se e concluindo-se com os versículos das antífonas, as quais se destinam a aprofundar o teor do salmo ou a melhor saborear a sua intimidade.

Nas celebrações eucarísticas, utilizam-se excertos ou trechos ou breve número de estrofes dos Salmos, que se recitam ou cantam com respostas (*responsa*, responsorial). Um solista procede à leitura das estrofes e, no fim de cada uma, ou o coro, ou a Assembleia como que dá o assentimento de fé, respondendo, como que aclamando, numa tradição cultural muito antiga de aclamação e de exclamação. A Reforma Litúrgica decorrente da época conciliar enriqueceu o nível de participação das assembleias no teatro da celebração da Palavra, e das respostas, respondentes retomando-se o costume já ensinado por Santo Agostinho – “*Legenti cantavimus*” – Ao leitor respondemos pelo canto.

A resposta é expressa através dos versículos do chamado refrão, aposto ao final de cada estrofe dos Salmos que, na Missa se recitam ou cantam entre a 1ª leitura (Do Antigo Testamento) e a 2ª leitura (Dos Actos, das Epístolas, ou do Apocalipse) a 3ª sendo extraída dos Evangelhos. De qualquer modo, o Salmo Responsorial destina-se às assembleias, havendo necessidade de agentes que respondam ao solista, enquanto a leitura dos Salmos da Liturgia das Horas pode ser feita a título individual e, até, podendo rezá-la sem abrir os lábios, apenas em oração mental. Quanto às assembleias dominicais nem sempre é possível cantar

os Salmos, pois muitas vezes não há quem tenha qualquer preparação musical, pelo que a assembleia ouve e responde sem música. Todavia, o canto está colado ao salmo. É parte constitutiva dele e a música surge como que uma epifania do poema, que só atinge plenitude de revelação no canto. Aliás, o convite ao canto é frequente nos textos do Saltério, por exemplo: “ Cantai-lhe um cântico novo / Cantai-lhe com arte e com alma” (Sl. 32, ou 96) ou “ Cantai ao Senhor um cântico novo / louvai-o na assembleia dos fiéis” (Sl. 149), etc. Na realidade da nossa herança Judeo-cristã, o cântico salmódico terá sido na primitiva expressão dos cristãos, a oração pública, absorvendo o rito judaico dos *tehilin* ou *psalmoi* (na língua grega) da liturgia sinagoga, dando brilho e devoção às preces, orações e súplicas aconselhadas por Paulo às comunidades (1 Tm., 2).

Na adaptação dos salmos hebraicos às línguas grega e latina, que são línguas com uma diferente estrutura frásica em relação ao hebraico sinagoga, levou à invenção de novas melodias e polifonias adequadas às novas línguas sagradas, como o canto chão, origem do canto gregoriano, por exemplo, aliás vigente durante séculos e séculos em universal unicidade, uma vez que, na Igreja Católica, prevaleceu a unidade da língua latina para efeitos de culto e de liturgia, revogando a variedade de cantos-chão, de que houve diversos estilos, entre eles o nosso canto arrábido dos monges da Serra da Arrábida.

Tempo de experiências é também este em que a introdução do vernáculo na Liturgia tem levado, em todos os países, à procura e à criação das melodias mais adequadas a vestir as estruturas fonéticas e frásicas, diferentes de língua para língua e não facilmente adaptáveis de modo unívoco. Iniciou-se então, dentro da dinâmica conciliar, uma nova idade experimental em que as igrejas buscam e adaptam os seus ritmos, compassos e partituras a cada um dos Salmos, respeitando obviamente as instruções da Constituição sobre a Sagrada Liturgia (4.12.1963) cujo capítulo VI versa o tema da Música Sacra, reconhecendo a primazia do canto gregoriano, mas abrindo as portas a outros géneros, mormente a polifonia. Quanto a instrumentos, não obstante a solenidade do órgão, outros têm sido

introduzidos. Já no culto sinagoga os Salmos eram acompanhados pelo Saltério, instrumentos de corda (Sl. 76), ou num elenco mais ampliado, por trombetas, harpa, cítara, tambores, danças, cordas e flautas, címbalos retumbantes e, enfim, a voz de “tudo o que vive e respira” (Sl. 150). Mistério este do que seja quanto vive e respira. Temos para nós, em subjectiva leitura, que o mistério se acha esclarecido no Cântico do Louvor das Criaturas do Profeta Daniel (Dan., 3, 57-88). O Profeta suplica o louvor de Deus a todas as criaturas, águas e luzeiros celestes, chuvas e orvalhos, gelos e neves, montes e colinas, animais e rebanhos, etc. e ascendendo na escala, convida Israel, os santos e os humildes de coração. Deste modo, as criaturas são essas que participam, cada uma a seu modo, do que vive e respira, o perfeito e mais responsabilizável respirar (*pneuma*) sendo peculiar da criatura humana, mas no coro universal todas as criaturas, que são revelações teofânicas têm voz: voz mineral, voz vegetal, voz animal, voz humana, voz angélica, voz espiritual.

Caminhos e orações de consagração do tempo e de santificação da vida, dar música aos Salmos transcende a técnica e, até, a arte. A cada salmo responde uma melodia peculiar à sua ideia formal – acção de graças, louvor, peregrinação, súplica... não havendo uma solução tipo pronto a vestir. O músico tem de viver em permanente e prolongada ascese, lendo e meditando as letras salmódicas, por forma a interpretar o respectivo significado até que a música seja já escutada dentro da sua cabeça, de onde, por fim, passará à pauta e, daí, aos lábios e aos ouvidos de quem cante ou recite, e de quem ouça e escute. Por isso, criar música para os Salmos supõe uma inevitável harmonia interior, na perfeita visão de que se trata de palavra divina, por inspiração recebida.

A harmonia interior é a apreensão da voz visível que nasce na alma, o que requer a mística contemplação dos textos, ou das letras, e, a par disso, uma embêbia plena na alma do poema. Esta embêbia, contemplativa, está muito para além da compreensão da lógica das palavras. Significa, mais do que o

músico beber o texto, o músico ser bebido pelo texto, apagando-se, na imersão, para que o texto ressurja em melodia. A este processo designamos como o acto de ler por dentro, à luz interior. E nem sempre haverá luz!

Quantas vezes o músico não colhe fruto da sua continuada vida contemplativa, passando as tormentas dos hiatos, em que se sentirá como que abandonado pela inspiração divina, noites obscuras e desertos de alma, que terão de ser percorridos em momentos de sofrimento, mas de sofrimento glorioso, porque, alfin, nascida a música, é como achar um oásis. Então, a arte de musicar os Salmos, é mais do que arte: é catarse, piedade, ascese e visão perfeita do sagrado.

Ora então, com o Padre Bernardo, cantemos ao nosso Rei, cantemos. Parabéns e “Deo gratias”, por esta nova colecção de música orante, que serve as necessidades de grandes e pequenas assembleias litúrgicas.

